

A Imprensa Colonial de Expressão Portuguesa

A imprensa de Angola

Caroline Corso de Carvalho, Antonio Carlos Hohlfeldt (orientador)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO:

O respectivo artigo tem o intuito de abordar, brevemente, momentos históricos que marcaram a trajetória da imprensa de expressão portuguesa em Angola, desde sua inserção, com a chegada da primeira prensa, até pesquisas desenvolvidas pelas raras fontes encontradas sobre o assunto. Angola foi colônia portuguesa até 1975. Muitos fatos ocorreram durante esse período que, conseqüentemente, marcaram época no jornalismo da então colônia africana.

Palavras chaves: comunicação; história do jornalismo colonial português, jornalismo em Angola

A comunicação define-se por diversas interfaces. Na África, suas características englobam os elementos das próprias culturas autóctones. A população detinha, por meio dos costumes, diferentes modos de se informar, por sinais, cantos e gritos, entre outros. No período pré-colonial, os povos não dispunham de elementos que auxiliassem na comunicação, por isso, era processada de forma primária:

Primitivamente, as populações africanas, sobretudo as bantas e sudanesas, não dispunham, antes da chegada dos europeus, de grandes meios de transmissão das notícias à distância. Ao seu alcance tinham apenas: a transmissão verbal, direta ou por estafetas, a transmissão mímica, a transmissão ideográfica, a transmissão sônica, e pouco mais, devendo assinar-se[sic] portanto à ação europeia a introdução dos

modernos meios de comunicação mecânica: a imprensa, o cinema, a T.S.F*, a TV [...] (GONÇALVES, 1964, ps.11 e 12)

O impacto com a chegada das tecnologias europeias nas sociedades africanas veio alterar profundamente o quadro da transmissão da informação primitiva local. Os velhos processos de transmitir notícias utilizados pelos africanos foram substituídos efetivamente pelos meios e métodos europeus.

Momento colonial

Angola, bem como outras atuais nações africanas, foi colônia portuguesa até 11 de novembro de 1975. As conquistas lusas na região desdobraram-se desde o século XIV, especialmente a partir do reinado de Dom João I. Os portugueses, sob o comando de Diogo Cão, navegador português no reinado de D. João II, chegam ao Zaire em 1484. A partir daí, propiciou-se a conquista desta região da África, incluindo Angola. O primeiro passo foi estabelecer uma aliança com o Reino do Congo, que dominava toda a área. Ao sul deste reino, existiam dois outros, o de Ndongo e o de Matamba, os quais não tardam a fundir-se, para dar origem ao reino de Angola (GONÇALVES,1964).

As regras básicas estabelecidas para as colônias não eram díspares. Havia um ponto positivo nisso, sob a ótica de uma só tática e política; mas também um ponto negativo, pois Portugal não distinguia políticas de desenvolvimento diferenciado para as suas colônias, o que lhes provocou atrasos consideráveis (HOHLFELDT, 2008).

**TSF: telegrafia sem fios”, do inglês wireless telegraphy era a denominação europeia para as comunicações por ondas electromagnéticas em Código Morse (CW em linguagem técnica). Na América, esta expressão foi usada até cerca de 1910. Depois desta data, a designação oficial passou a ser simplesmente Radio.*

Enquanto Portugal tem sua primeira imprensa em torno de 1626, a primeira máquina em Angola foi adquirida por Joaquim António de Carvalho Menezes, nato do país, em 1842. Enviada para Luanda, através de navio, curiosamente o barco afundou, aparentemente por orientação da metrópole, (GONÇALVES,1964). Em 1845, o Governador Geral, Pedro Alexandrino da Cunha, importa outra prensa, e a partir de 13 de setembro de 1845, sob o signo da oficialidade, publica-se o primeiro periódico angolano, o Boletim Oficial, na capital, Luanda.

Os jornais não poupavam espaço na solicitação de autonomia para territórios. A relação entre jornalismo, literatura e reivindicação da independência, frente a Portugal, caminha junta nos países africanos de língua portuguesa, especialmente em Angola.

Durante séculos, o interesse pela província de Angola foi muito reduzido entre os metropolitanos, o que, de certa forma, explica o fato de a imprensa ter tardado a ser introduzida no país africano. Antes de 1845, data do nascimento do primeiro periódico, apenas se assinala a presença de publicações recebidas da metrópole ou do estrangeiro em Angola, publicações essas levadas pelos missionários, pelos holandeses que ocuparam Luanda ou pelos escassos colonos que ali fixavam morada (GONÇALVES,1964).

Com o tempo e o afastamento dos holandeses da região, a presença portuguesa em Angola foi ganhando expressão: novos colonos, mais investimentos, e consequentemente, mais raízes humanas e econômicas.

Primeiras publicações periódicas impressas em Angola

A primeira edição do Boletim do Governo-Geral da Província de Angola apareceu no dia 13 de setembro de 1845. Com a sua publicação, veio a dar-se cumprimento ao disposto no decreto de 7 de setembro de 1836, que ordenava se publicar em todas as províncias boletins oficiais, sob a inspeção de cada governo local (LOPO, 1964).

O Boletim Oficial de Angola, como de resto se verificou com alguns dos publicados em outras províncias, com exceção de Goa, foi, no início, o único órgão

de comunicação social existente. Além das disposições legais, divulgava também notícias e anúncios (LOPO, 1964), que se exteriorizavam em prosa literária e em versos de maior ou menor inspiração, de ideais sonhados:

“Onde a onde[sic], até grave magistrado judicial publicava uma poesia no Boletim Oficial, largando a toga de juiz para dedilhar a lira dos poetas

.....

Até aqueles que tenham o gosto de saber de certos pormenores da vida social desses tempos, encontrarão na folha governamental a reportagem do crime, bizarros anúncios particulares e comerciais, notícias e críticas teatrais, bem como notícias da chamada nossa *senhora sociedade* [...] (LOPO, 1964)

No órgão oficial, de acordo com Júlio Castro Lopo (1964), publicavam-se avisos de rifas de objetos que, entre sí, organizavam os moradores de Luanda; declarações de credores a ameaçarem os devedores, a quem indicavam por iniciais e apelidos, com a promessa de o fazerem depois no boletim oficial, com os respectivos nomes e apelidos por extenso, se não solvessem as dívidas reclamadas por meio da imprensa; participação de casamentos, nascimentos e óbitos, declarações de comércio ao em público geral, etc; avisos de partidas e chegadas de navios e outras embarcações, avisos de pessoas partindo para o Reino ou para o Brasil, que assim se despediam de conhecidos e amigos, constituíam também seu conteúdo.

Para tudo chegava ou parecia chegar o Boletim Oficial, que pouco a pouco deixou de se ocupar das questões não oficiais até vir a confinar-se exclusivamente aos problemas governamentais, tendo começado com uma folha apenas (GONÇALVES, 1964).

Após o advento do Boletim Oficial, surgiram outras publicações, embora sem a periodicidade que caracterizasse um jornal, fato discutido pelos pesquisadores dessa história. O caso do Almanak Estatístico da Província de Angola e suas dependências, publicado em 1852, anualmente, pode ter sido a primeira publicação periódica lá impressa após o Boletim Oficial. Dada a sua característica, a primazia

caberia ao semanário literário A Aurora – de curta duração – fundado em 1856, e cuja primeira edição saiu entre 31 de maio e 7 de junho de 1856 (GONÇALVES, 1964).

Entretanto, o primeiro jornal de periodicidade regular (o que mostra que pouco havia para comunicar e pouca gente alfabetizada existia em condições de receber informações através da imprensa) mas ainda semanário, é o que começou a circular em 6 de dezembro de 1866, Civilização da África Portuguesa, cuja regularidade só tinha correspondência com o Boletim Oficial.

Logo em seguida, surgem outros jornais, algumas revistas e boletins, assim como anuários e anais, podendo-se dizer que, em geral, sua duração era efêmera, dado o condicionamento em que foram criados e a instabilidade do mercado local da informação (GONÇALVES, 1964).

O jornal editado logo a seguir, depois do Civilização da África Portuguesa parece ter sido O Comércio de Loanda, em 1867. Não se pode garantir a ordem desses jornais pelas dificuldades encontradas na pesquisa, pois, na época, não era obrigatório o depósito legal de tais peças periódicas nas bibliotecas públicas, o que tornou o estudo dos raros autores e pesquisadores, quase impossível, sem ter contato adequado com os exemplares publicados.

Três anos depois, em 1870, é lançado o jornal O Mercantil. Este jornal, unido ao Boletim Oficial e ao Comércio de Loanda (1867), foi dos primeiros a possuir tipografia própria, segundo Júlio de Castro Lopo (1964). O Mercantil alcançou 18 anos de existência, motivo para ser apontado como um dos jornais angolanos do fim do século XIX com maior longevidade.

A imprensa entra em Angola sob o signo da lei, para dar a conhecer informações de vária natureza. O Boletim Oficial acaba perdendo seu caráter de órgão de informação comunitária, à medida que se ia implantando a imprensa independente. Observa-se também que o primeiro jornal não-oficial era de feição predominantemente literária, mas, por imposição das circunstâncias, outros surgiram com natureza política, econômica, etc.

Os periódicos de grande atividade política aparecem e desaparecem meteoricamente. Alguns órgãos políticos repetem o debate metropolitano, como consequência da transplantação para Angola das rivalidades entre progressistas e

regenerados, monárquicos e republicanos, etc. Depois, há um período em que as publicações técnicas ocorrem em grande quantidade, o que se verifica com os boletins e as revistas dos vários serviços provinciais. Mais próximo dos anos 1860, a imprensa noticiosa apresentou-se em busca de estabilização, em vias mesmo de institucionalização.

Por outro lado, a eclosão de acontecimentos inesquecíveis e a propaganda que os antecedeu levou a imprensa angolana a buscar melhores e mais vastos noticiários. Ao mesmo tempo, aumenta o número de informações transmitidas desde as capitais mundiais. Assim, por exemplo, a Companhia do Caminho de Ferro de Benguela começa a publicar, em Londres (visando naturalmente as suas atividades em Angola) o jornal Benguela News e os serviços sociais ocupam-se de informação com apreciável cuidado.

A sociedade do século XIX, em Angola, era dividida entre *civilizados e não civilizados*. *Civilizados* eram os brancos, independentemente da sua condição social, econômica e acadêmica; mestiços e negros escolarizados que tivessem hábitos e costumes europeus e abandonado o modo de vida africano. *Não-civilizados* eram os negros que mantinham os hábitos autóctones, isto é, aqueles que, nascidos no ultramar, de pai e mãe indígenas, não se distinguiram pela sua instrução e costumes do comum de sua raça (MACÊDO E CHAVES, 2007).

Durante mais de 20 anos, o Boletim Oficial foi a única publicação periódica que circulou com regularidade em Angola. Por isso, os colonos começaram a designar por *imprensa livre* os periódicos saídos de tipografias particulares, distinguindo-os da folha impressa do governo.

Com o aparecimento da primeira edição do periódico de Luanda, A Civilização da África Portuguesa em 1866, iniciou-se efetivamente o segundo período do jornalismo angolano. Por mais que se tenha continuado a publicar-se durante mais alguns anos, anúncios, comunicados particulares, artigos nos jornais oficiais, ele deixou de estar sozinho no território. Passou a existir a chamada *imprensa livre*. Era esse o jornalismo episódico, feito por criaturas geralmente das mais ilustradas no meio social e que tinham profissões definidas, as quais se sobrepunha a tarefa de escrever para o público (LOPO, 1964).

Muitos dos periódicos que se publicavam em Angola não tinham o necessário número de assinantes, pois os periódicos eram vendidos avulsamente nas localidades onde eram editados. Em Angola, fez-se jornalismo episódico e de amadores, por profissionais das mais variadas condições sociais, tais como empregados comerciais, agricultores, negociantes e lojistas, magistrados judiciais, médicos, professores, missionários e clérigos, veterinários, oficiais da marinha mercante e de guerra, militares e até indivíduos que permaneciam em Angola em situação de degredados, mas gozando de benefícios de fianças ou proteções sempre razoáveis (LOPO, 1964).

A escrita dos jornais dava-se por diversos motivos em Angola. Interesses particulares, literários, políticos ou mercadológicos permeavam as publicações:

Os periodistas redigiam as folhas com finalidades diversas, como recreação literária, por expansão intelectual, por temperamento de escritores ou por vocação conjectual ou verdadeira; para propaganda política ou por partidarismo local; para a defesa de interesses regionais, comerciais, agrícolas e industriais; por mercantilismo, com feição noticiosa a favor de determinados interesses particulares; por motivos e intuítos panfletários, em que a pena ora se transformava em espada leal de combate denodado, ora em punhal de assaltante grosseiro e traiçoeiro] (LOPO, 1964).

O jornalismo episódico e de amadores foi muito importante na colônia, pelos valores mentais que nele se revelaram durante muitos anos. A tal período do jornalismo devem Portugal, os colonos e os povos africanos serviços muito apreciáveis, pelas campanhas que nos periódicos se fizeram em defesa dos interesses nacionais e dos míseros negros (LOPO, 1964).

Durante algum tempo, houve periódicos políticos cujos programas se basearam em princípios gerais, como criar embaraços a quem administrava o território ou a justiça, estabelecer ligações entre determinada política partidária de Portugal ou o demérito de políticos em evidência. Buscaram, os colonos, criar o crédito ou o descrédito de políticos que desejavam governar ou já governavam e, enfim, para

estabelecer corrente favorável ou desfavorável à propaganda em eleições municipais, de deputados, etc.

O aspecto profissional do jornalismo só foi aparecer e ter caráter definitivo em 16 de agosto de 1923, com a fundação do jornal A Província de Angola. Quando o respectivo jornal foi fundado, já existia, desde 3 de julho de 1912, o semanário Jornal de Benguela. Entre as duas últimas datas descritas, o jornalismo de Angola não havia tomado o rumo verdadeiramente industrial e profissional, cujo início foi, portanto, com A Província de Angola (LOPO, 1964).

Ligações entre o jornalismo e a literatura

A imprensa angolana era centralizada quase que exclusivamente em dois centros urbanos, Luanda e Benguela. A literatura que reivindicava a sua especificidade nacional, ao mesmo tempo em que apontava para a necessidade de autonomia da colônia, não se choca, antes acompanha, o texto jornalístico e de certa maneira, nasce e se desenvolve com ele. Os jornais sempre dedicaram espaço as colaborações literárias e a figura do intelectual ganha inquestionável relevo, sendo o jornalista e o literato, muitas vezes, a mesma pessoa (MACÊDO e CHAVES, 2007).

O escritor angolano Pepetela, em texto publicado no *site* da União dos Escritores Angolanos (2003), explica que havia uma intensa atividade jornalística com periódicos de vida efêmera, sobretudo em língua portuguesa, mas também em idiomas nativos. Tinham forte carga social e política, aproveitando a relativa liberdade de expressão existente num momento de grandes lutas em Portugal, entre a monarquia dando nítidos sinais de esgotamento e um sentimento republicano, crescentemente reforçado (final do século XIX). Os periódicos eram fechados constantemente pelo poder político, mas reapareciam sob novas roupagens. Exemplo disso é a constância com que certos nomes de pessoas se apresentavam como responsáveis pelas publicações. Um grupo de intelectuais criava um jornal, publicava duas ou três edições. Em seguida, o jornal era proibido, e um ou dois meses depois, o mesmo grupo criava um novo, de mesma linha editorial, mas com nome diferente, até voltar a ser proibido.

Essa intelectualidade, mistura cultural e racial, era extremamente crítica da colonização portuguesa e do pouco caso que o Estado fazia sobre a

necessidade de desenvolvimento do território e da instrução e tratamento sanitário da população africana.

Neste sentido, o jornalismo, a literatura e a política foram frentes de oposição ao colonialismo português durante o século XIX e início do século XX, nas então colônias portuguesas em África. A palavra escrita firmou-se como espaço de campanha e luta pela autonomia.

A evolução jornalística de Angola, segundo Júlio de Castro Lopo, em **Jornalismo de Angola** (1964), dependeu, dentre outros fatores, do incremento da colonização europeia, do desenvolvimento do comércio interno e do comércio exportador. Na medida em que o território foi progredindo no intercâmbio com a Europa e com o aumento das exportações de gêneros agrícolas e minerais, igualmente foram se estabelecendo as tipografias e os periódicos.

Vários pesquisadores classificam em três etapas a história do jornalismo das colônias africanas, assim como o faz Lopo, a respeito da comunicação em Angola. O primeiro período destaca-se pela imprensa oficial ou oficiosa, datando a criação dos respectivos boletins oficiais, até o surgimento de um jornal que gozasse de maior distanciamento da autoridade política e administrativa da colônia. O segundo é marcado pela *imprensa livre*, em que há a criação de jornais com maior autonomia, até o aparecimento de publicações em que a atividade jornalística fosse considerada, em sentido estrito, como profissionalizada. Essa *imprensa livre* não significa que se pudesse falar de tudo, com liberdade para escrever e publicar o que eventualmente se quisesse, mas, sim, que havia uma diferenciação entre o órgão oficial, publicado sob a tutela econômica e política das autoridades, e aqueles que estavam fora, pelo menos economicamente, desta dependência. O terceiro e último período é o da *imprensa profissional*, a partir do momento em que o jornal se torna a referência para a sobrevivência de seu diretor, editor ou redator e onde, em geral, o jornal se imprime a partir de uma gráfica própria que também edita outros periódicos ou realiza serviços gráficos para terceiros, garantindo sua independência financeira (HOHLFELDT, 2009).

Lopo acredita que esses três períodos satisfazem a sistematização da evolução jornalística durante a possessão portuguesa. Por outro lado, Hohlfeldt (2009) defende que é necessária uma quarta etapa, posterior aos acontecimentos do 25 de abril

de 1974, que se desdobraram e se concretizaram em projetos independentistas das colônias, com conseqüências mais do que evidentes.

Referências

GONÇALVES, J.J. *A informação em Angola – Alguns subsídios para o seu estudo*. Lisboa, 1964.

HOHLFELDT, C. A. “Imprensa das colônias de expressão portuguesa: Primeira aproximação”. Comunicação & sociedade, São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, N° 51 (2009), Ps. 135 – 154

HOHLFELDT, C. A. “Imprensa das colônias de expressão portuguesa: Principal bibliografia”. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, SBPJor 2008

LOPO, J. C. *Jornalismo de Angola – Subsídios para a sua história*. Luanda: Centro de Informação e Turismo de Angola, 1964.

MELO, A. B. *A influência do Brasil no jornalismo de Angola*. Nova Iguaçu: Semana Ilustrada, 1985

PEPETELA. “Algumas questões sobre a literatura angolana”. Palestra proferida na “Maka de quarta-feira”, da União dos Escritores Angolanos no dia 18 de junho de 2003 (http://www.uea-angola.org/barra_artigo.cfm?ID=173).

SILVA, G. J. “Telegrafia sem fio”. Disponível em:
http://www.landelldemoura.qsl.br/teleg_sem_fios_portugal.htm

Anexos

Resenha cronológica de publicações periódicas de Luanda, fundadas no século XIX

1885 – Boletim do Governo Geral da Província de Angola	1886 – O Serão
1852 – Almanak Statistico da Província d'Angola e suas Dependencias	1886 – O Rei Guilherme
1856 – A Aurora	1887 – O Progresso d'Angola
1866 – A Civilização da África Portuguesa	1887 – O Exército Ultramarino
1867 – O Commercio de Loanda	1888 – O Imparcial
1870 – O Mercantil (1)	1888 – O Foguete
1872 – O Almanach Popular	1888 – Mukuarimi
1873- O Cruzeiro do Sul	1889 – Arauto Africano
1873 – O Meteoro	1889 – Muen'exi
1875 – Correspondente de Angola	1889 – O Desastre
1878 – Jornal de Loanda	1890 – Correio de Loanda
1880 – Noticiário de Angola	1890 – O Chicote
1881 – Boletim da Sociedade propagadora de conhecimentos geographicos-africanos de Loanda	1890 – O Polícia Africano
1881 – Gazeta de Angola	1891 – Os Concelhos do Leste
1881 – O Echo de Angola	1891 – Notícias de Angola
1882 – A Verdade	1892 – Commercio d'Angola
1882 – O Futuro d'Angola	1893 – A Provincia
1882 – A União Africo- Portugueza	1894 – O Imparcial (2)
1882 – O Ultramar	1894 – O Independente
1883 – O Pharol do Povo	1894 – Bofetadas
1884 – O Raio	1896 – Propaganda Colonial
1884 – O Bisnagas	1896 – Revista de Loanda
1886 – A Tesourinha	1897 – Propaganda angolense
	1899 – A Folha de Loanda

1 – A começar do número 1311 (ano XXVIII) de 6 de outubro de 1896, o antigo semanário foi transformado em revista comercial, noticiosa, literária e industrial.

2 – Foi o segundo periódico com este título fundado em Luanda

Resenha cronológica de publicações periódicas de várias localidades da província, fundadas no século XIX

Benguela

1870 – O Progresso

1893 – A Semana

Moçâmedes:

1881 – Jornal de Mossamedes

1884 – Almanach de Mossamedes

1892 – O Sul d'Angola

1892 – A Tesoura

1892 – A Tesourinha

1893 – A Bofetada

Catumbela

1886 – A Ventosa

Ambris:

1893 – A Africana

Em todo o território de Angola se fundaram, no século XIX, 59 publicações periódicas. Nesse número se conta o órgão da imprensa do governo, mas nele não está incluída a espécie bibliográfica vulgarmente conhecida pela designação de número único. Dessas 59 publicações pertencem 49 à cidade de Luanda e as restantes 10 a quatro localidades da província: 2 a Benguela, 6 a Moçâmedes, uma a Catumbela e outra a Ambris. Verifica-se, portanto, que 83% da totalidade das publicações periódicas do século XIX circularam a partir da capital de Angola.

Resenha cronológica de órgãos da imprensa fundados no século XX, até final do ano de 1945

Da imprensa de Luanda

1901 – Gazeta de Loanda

1912 – A Luz

1901 – Ensaio Litterários

1912 – Independente

1902 – Luz e Crença

1912 – O Piparote

1903 – A Defeza de Angola

1912 – Angola

1907 – O Angolense

1913 – Almanaque do Piparote

1908 – Voz de Angola

1913 – A Verdade (1)

1909 – O Agarra

1913 – O Progresso

1910 – O Apostolado do Bem

1914 – Boletim da Associação Beneficente dos Empregados do Comércio de Loanda

1910 – A Reforma

1914 – A Província (2)

1915 – A Capital	1926 – A Actualidade
1916 – Boletim da Associação Comercial de Loanda	1927 – Boletim do Sporting Clube de Angola
1916 – Jornal de Angola	1928 – Boletim da Associação dos Agricultores de Angola
1916 – O Corisco	1929 – Angolana
1917 – O Angolense (3)	1929 – Correio de Angola
1918- Boletim da Associação e Cooperativa dos Funcionários Públicos de Angola	1929 – Correio Angolano
1918 – Alma Angolana	1929 –A Lucta de Angola
1919 – A Verdade (4)	1929 – O Reclame
1919 – Pátria Portuguesa	1929 – A Vanguarda
1919 – Imparcial	1930 – Portugal
1920 – Jornal do Comércio	1930 – Nova Guarda
1920 – A Tribuna	1930 – Angola Desportiva
1922 – Sporting	1930 – A Última Hora
1922 – Correio de Angola	1931 – Gazeta dos Advogados da Relação de Loanda
1923 – Revista Aduaneira	1931 – O Pirlampo
1923 – Desportos	1931 – A Ordem
1923 – A Província de Angola	1931 – Cartas Agrestes
1924 – Gnose	1931 – Cine Jornal
1924 – Faíscas	1931 – A Pantera
1924 – O Sport de Loanda	1931 – Boletim da Liga Nacional Africana
1924 – Preto no Branco	1931 – Diogo Cão
1924 – Mocidade	1932 – Amanaque-Anuario de Angola
1924 – Ki – Ki – Ri- Ki	1932 – Ilustração Colonial
1924 – O Jornal	1932 – O Pagode em Angola
1924 – A Luta	1932 – União Nacional
1925 – A Pátria	1932 – Jornal de Notícias
1925 – Ensaio Literários	1932 – Desportine
1925 – Comércio de Angola	1932 – Cine
1925 – A Renascença	1932 – O Exportador de Angola
1925 – Loanda Desportiva	1932 – A Notícia
1925 – Notícias de Loanda	1932 – Farolim
1925 – O Espantalho de Angola	1932 – A Voz do Empregado
1925 – A Situação	1933 – Angola
1926 – A Restauração	1933 – O Direito

1933 – A Pátria	1936 – Boletim de Propaganda e Informação
1933 – Jornal da Criança	1936 – Boletim do Sporting Club de Loanda
1933 – A Tribuna	1936 – Diário de Luanda
1933 – O Estudante	1938 – Asas
1933 – Angola Ilustrada	1939 – Boletim do Automóvel e Touring Club de Angola
1933 – O Estandarte	1939 – O Motorista
1933 – Ilustração de Angola	1939 – Mocidade Portuguesa
1933 – O Comércio	1941 – Boletim Eclesiástico de Angola e São Tomé
1934 – Os Desportos	1941 – Angola Rádio
1934 – O Progresso	1941 – Mocidade Portuguesa
1935 – Boletim da Diocese de Angola e Congo	1941 – O Lusito
1935 – Boletim Quinzenal	1943 – Boletim da Sociedade Cultural de Angola
1935 – O Apostolado	1944 – Boletim da Associação dos Lojistas de Luanda
1935 – Maria da Graça	1945 – Cultura
1936 – Ensaio	
1936 – A Província de Angola – Suplemento de Domingo	1945 – Boletim do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio e da Indústria da Província de Angola

Da imprensa de várias localidades da província

Benguela

1906 – O Benguella
1908 – A Realidade
1910 – Boletim Anunciador de Benguela
1912 – O Comércio de Benguela
1915 – Boletim da Associação Comercial de Benguela
1915 – Boletins das Associações Comerciais do Distrito de Benguela
1917 – Boletim da Associação Beneficente dos Empregados do Comércio de Benguela
1919 – Tribuna
1922 – O Distrito de Benguela
1924 – O Comércio
1925 – Acção Portuguesa
1925 – Boletim da Associação Comercial de Benguela
1928 – O Momento

1929 – O Intransigente

1929 – O Comércio de Benguela

1930 – Notícias de Benguela

1931 – O Desporto

1933 – A Verdade

Dalatando

1918 – Cuanza Norte

Sá da Bandeira (Lubango):

1919 – Distrito da Huila

1920 – Huila

1921 – O Planalto

1922 – O Clarim

1923 – O Planalto da Huila

1930 – Notícias da Huila

1933 – Écos do Sul

1934 – Boletim da Associação Comercial da Huila

1940 – A Huila

Malanje

1912 – Era Nova

1912 – O Democrático

1913 – A Lunda

1915 – A Vitalidade

1931 – Angola Portentosa

Missão Católica do Bailundo

1942 – Almanaque das Missões

1944 – Traço de União

Moçâmedes

1903 – Correio de Mossamedes
1909 – Commercio de Mossamedes
1909 – Mossamedense
1918 – Sul d'Angola
1921 – Mocidade
1925 – Imparcial
1925 – Voz do Sul
1925 – O Sul d'Angola
1929 – O Papo Seco
1931 – O Atlético
1931 – Sport de Mossamedes
1932 – Mossamedes
1932 – O Sul de Angola
1932 – Correio de Angola
1933 – Angola Sul
1933 – O Académico
1933 – Ecos de Mossamedes
1933 – A Defeza de Mossamedes

Nova Lisboa (Huambo)

1930 – O Planalto
1932 – Voz do Planalto
1933 – Jornal da Criança
1933 – O Pecego
1933 – Actualidade

Novo Redondo:

1904 – Echos do N'Gunza
1905 – Folha do Sul
1921 – O Progresso
1929 – Quanza Sul
1929 – Folha do Sul
1929 – Mocidade

Silva Porto (Bié)

1924 – A Metralha

1933 – Notícias do Bié

1935 – Bolteim da Associação Comercial do Bié

Santo António do Zaire

1926 – Portugal em Angola

Lobito:

1927 – Notícias do Lobito

1928 – Defesa de Angola

1930 – O Lobito

1933 – A Metralha

